



filhas e netas da
Mãe do Barro:
as louceiras do
Maruanum



Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

SALA DO ARTISTA POPULAR 216

Filhas e netas da Mãe do Barro: as louceiras do Maruanum

Realização

Ministério da Cultura

Ministra: Margareth Menezes

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente: Deyvesson Israel Alves Gusmão

Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretora: Marina Duque Coutinho de Abreu Lacerda

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Diretor: Rafael Barros Gomes

Coordenação Administrativa

Ana Carolina Couto

Coordenação Técnica de Memória, Documentação e Difusão

Raquel Dias Teixeira

Coordenação Técnica de Pesquisa e Projetos Especiais

Ana Carolina Nascimento

Museu de Folclore Edison Carneiro

Elizabeth Bittencourt Paiva Pougy

Biblioteca Amadeu Amaral

Ana Patrícia Guimarães

Divisão de Arquivo

Daniel Reis

Difusão Cultural

Lucila Silva Telles

Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro

Presidente: Célia Corsino

Parceria:



Realização:



MARUANUM

Sta. LUZIA MARUANUM
CARMO DO MARUANUM

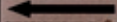
MARUANUM



1

1700 Km

Vila do Carmo
do Maruanum



Programa Sala do Artista Popular

Coordenação
Ana Carolina Nascimento

Pesquisa e texto
Ana Carolina Nascimento

Fotografias
Francisco Moreira da Costa

Projeto de exposição e produção
Flávia Klausing Gervásio
Luiz Carlos Ferreira

Programação visual
Aurélio Marques Fernandes | Feeling Propaganda

Edição e revisão de textos
Lucila Silva Telles
Natália Natalino | Feeling Propaganda

Produção audiovisual
Alexandre Coelho Neves

Montagem
Jorge Guilherme de Lima
José Marcos Macedo Tertuliano

Agradecimentos
Superintendência do Iphan no Amapá, Secretaria de Estado da
Cultura do Amapá, Fundação Marabaixo

Parceria
Instituto Federal do Amapá

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Amadeu Amaral

F478

Filhas e netas da Mãe do Barro : as louceiras do Maruanum /
pesquisa e texto Ana Carolina Nascimento. – Rio de Janeiro:
CNFCP, 2026. – (Sala do Artista Popular, n. 216).
36 p.

ISSN: 1414-3755

Catálogo da exposição realizada de 30 de abril a 01 de julho de
2026.

1. Artesanato em barro. 2. Cerâmica. 3. Maruanum - AP.
4. Artista popular. I. Nascimento, Ana Carolina. II. Série.

CDU 738.3(811.6)

Elaborado por Juliana Taboada - CRB-7/6661

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas, no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas seis exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de dois meses de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Carmosina Pereira da Costa | Carmo do Maruanum

filhas e netas da Mãe do Barro: as louceiras do Maruanum

Ana Carolina Nascimento

O Maruanum é um distrito rural a 80 km de Macapá, capital do Amapá. É formado por 16 vilas distribuídas ao longo de uma faixa de aproximadamente 15 km às margens do rio Maruanum. Afluente do rio Matapi, que deságua no rio Amazonas, próximo à foz, rios que são regidos pela oscilação das marés, o que influencia todos os aspectos da vida da comunidade (Coiroló, 1991). O verão, estação seca, vai de junho a novembro; o inverno, período de chuvas e cheias, de dezembro a maio. Esses ciclos determinam o ritmo da produção dos alimentos (agricultura e pesca) e também da produção das louças de barro.

Silvani (2012, p. 38) recupera uma versão da lenda indígena que conta a origem do rio Maruanum:

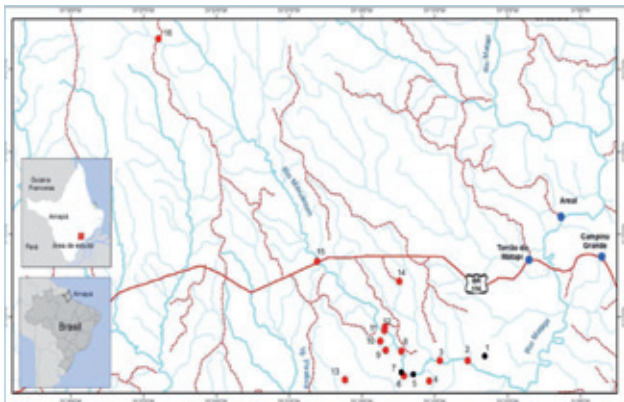
O guerreiro Maru casou-se com a mais bela moça, Anum, e pediu a ajuda de Tupã para conduzi-los a uma localidade bonita e fértil onde pudessem viver. Durante muitos anos foram felizes, contudo, certa vez Anum adoeceu e, apesar de todos os esforços de cura, faleceu. Das lágrimas do viúvo Maru, nasceu uma fonte de águas cristalinas que deu origem a um igarapé. Desesperado com o falecimento de Anum, Maru recorreu novamente a Tupã, pedindo que lhe devolvesse sua amada esposa. Tupã, por sua vez, ordenou que Jaci atendesse a Maru, e ela o orientou a se sacrificar e ser enterrado junto ao igarapé que surgira de suas lágrimas, e Anum, então, viria lhe visitar sob a forma de uma ave de plumas pretas, simbolizando o luto. Maru aceitou a orientação de Jaci, e feito o sacrifício, conforme lhe fora orientado, das unhas de seus pés jorrou bastante água que deu origem a um belo rio, onde em toda noite de lua cheia o pássaro Anum vai beber água. Assim, do amor de Maru e Anum nasceu o rio Maruanum.

A mesma autora observa que a memória local reconta o mito em diferentes narrativas. Em algumas delas, Maru e Anum aparecem como o primeiro casal indígena que fazia louças e que teria ensinado o ofício aos negros escravizados que ali chegaram (Costa, 2014; Ferreira, 2016). Também circulam na comunidade narrativas sobre cacos de louças dos indígenas encontrados em escavações.

As 16 vilas dividem-se entre dois conjuntos, chamados Maruanum I e Maruanum II, cujas sedes correspondem, respectivamente, às vilas do Carmo e de Santa Maria. Foram certificadas pela Fundação Palmares como comunidades remanescentes de quilombos as vilas de Santa Luzia do Maruanum I e São João do Maruanum II (ambas em 2011), Carmo do Maruanum (2013) e São José do Maruanum (2025)¹. Atualmente, Santa Luzia do Maruanum, Carmo do Maruanum e São João do Maruanum II reivindicam, junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), a titulação de seus territórios (Costa, 2020)².



Rio Maruanum | Santa Luzia do Maruanum



Mapa do Maruanum e suas 16 vilas | fonte: Henriques (2011)

Administrativamente, Maruanum é um distrito de Macapá; um agente distrital faz a comunicação com a prefeitura. Um ônibus percorre três vezes por semana a BR-156, fazendo o trajeto entre a capital e a comunidade, com passagem a R\$ 20,00. Na vila de Nossa Senhora do Carmo concentram-se duas escolas (ensinos fundamental e médio), posto de saúde, campo de futebol, centro comunitário, balneário turístico (um agradável píer de madeira com acesso ao rio, mesas e bancos protegidos do sol), igreja católica, Assembleia de Deus,

cemitério e as sedes do Rurap (Instituto de Extensão, Assistência e Desenvolvimento Rural do Amapá), da Caesa (Companhia de Água e Esgoto do Amapá), da CEA (Companhia de Eletricidade do Amapá) e do posto policial. Na vila do Carmo, há pequenos comércios e alguns restaurantes e bares. As compras de supermercado e farmácia são feitas em Macapá. O transporte de alunos para as escolas é realizado por lanchas e kombis.



Barco escolar | Santa Luzia do Maruanum

Na vila Santa Maria há escola de ensino fundamental, posto de saúde, igreja, cemitério e comércios, alguns instalados em casas de moradores (Henriques, 2011). Em Conceição e São Sebastião também há escolas de ensino fundamental. Nos postos de saúde, uma ambulância permanece disponível 24 horas para eventuais deslocamentos. Há mais um cemitério em São João.

Os deslocamentos entre as vilas ocorrem por estradas de terra ou pelo rio, nas chamadas rabetas (pequenas canoas com motor); Santo Antônio, Simião e Torrão do Maruanum são acessíveis apenas pelos rios. Há certas dificuldades para os moradores se deslocarem entre as vilas por terra: poucos têm carro e não há oferta de transportes ali. Assim, o deslocamento para a comercialização das louças é prejudicado. Uma imagem marcante de nossos trajetos eram as nuvens de poeira de terra que cobriam o carro. Na comunidade, não há sinal de internet nas estradas, somente nas casas.

As vilas são formadas por casas de madeira vizinhas, elevadas devido às marés do rio. Quase todos os moradores possuem no quintal sua própria casa de farinha, roça e criação de porcos, galinhas, patos. As principais atividades da comunidade são a agricultura, a criação de bois, porcos e búfalos, a pesca, a caça e a venda de mandioca, farinha, tapioca, tucupi e abacaxi, além da venda das louças. Alguns instrumentos de trabalho também são fabricados na comunidade, como o tipiti, usado para espremer a farinha de mandioca (eventualmente também vendido nas feiras), além de peneiras, paneiros, cestos e balaios.

Não há coleta de lixo; os moradores costumam queimá-lo. As casas utilizam água de poços artesanais (que captam água subterrânea profunda e limpa). No Torrão do Maruanum, Santo Antônio e Simião há apenas poços de cacimba, que captam água de profundidades mais rasas, usada para tomar banho e para a lavagem de roupas e louças. Nesses lugares, a água para beber e cozinhar precisa ser buscada de rabeta nas vilas vizinhas.

No Carmo, em Santa Maria e em Fátima existem duas igrejas, uma católica e outra evangélica. Em Santa Luzia, Conceição e São Raimundo há apenas igreja católica, e em São José, somente a Assembleia de Deus (Henriques, 2011). Nas vilas acontecem festas em louvor às santas e aos santos padroeiros. Essas celebrações costumam ocorrer em uma estrutura construída ao lado da igreja, que também funciona como centro comunitário para reuniões. Em Santa Luzia, encontramos a imagem da santa nas salas de todas as casas que visitamos. Algumas louceiras se envolvem na preparação dessas festas ou mesmo as promovem, seja como pagamento de promessa, seja “por tradição”. Nelas é oferecida comida farta: carne de boi e de porco assada ou cozida, farinha de mandioca, arroz, cerveja e gengibirra (bebida típica do Amapá, preparada em casa com cachaça, gengibre e açúcar). O padre reza a missa, serve-se o almoço, e o marabaixo toca e dança a noite toda.

Marabaixo é uma tradição afro-amapaense que reúne canto, tambor, dança, fé, família e comunidade. O som dos rituais festivos é guiado

pelo toque das caixas, marcando o ritmo dos ladrões, versos cantados em coro. A dança se move em passos curtos e giros, com saias rodadas de estampas coloridas. Nos barracões – espaços comunitários ligados às casas das famílias, às igrejas ou ao centro dos bairros – acontecem as festas, com rezas, cantos e danças, regadas a caldos, comidas e gengibirra. O calendário costuma seguir as festas do catolicismo popular, com raízes profundas nas religiões de matriz africana, que influenciam seus rituais, cantos e modos de celebrar. No Maruanum há quatro grupos de marabaixo. As mulheres têm papel central: conduzem as rodas, lideram os cantos e cuidam dos barracões³. O marabaixo de Santa Luzia do Maruanum, formado há quase 50 anos, tem como mestra Dona Marciana – conhecida como exímia compositora de ladrões – e conta com mais de 100 integrantes. O Grupo de Marabaixo de São João do Maruanum II e o Grupo Quilombola de Marabaixo do Maruanum Nova Geração têm, cada um, cerca de 80 integrantes, enquanto o União Marabaixeira Conceição e Simeão do Maruanum reúne aproximadamente 50⁴.

As louceiras e os louceiros em atividade residem nas vilas de Santa Luzia do Maruanum (em duas áreas distintas), Torrão do Maruanum, Santo Antônio, Simião, Carmo do Maruanum e São João do Maruanum II, na comunidade vizinha Torrão do Matapi e em Macapá.

A louça do Maruanum é divulgada na mídia local⁵, estudada por pesquisadores de universidades/institutos do Amapá e exibida em exposições locais⁶. Há uma série de trabalhos acadêmicos produzidos



Marciana e a imagem de Santa Luzia |
Santa Luzia do Maruanum



Dorielso das Chagas Silva |
Santa Luzia do Maruanum

sobre as louceiras, nas mais diversas áreas do conhecimento, como arqueologia, biodiversidade, patrimônio cultural, educação, antropologia, propriedade intelectual e etnomatemática⁷. Coirolo, em 1991, no primeiro trabalho acadêmico sobre o ofício, manifestou preocupação com a percepção de que essa tradição estaria em vias de extinção.

Em nossa pesquisa, 35 anos depois, assim como nos trabalhos acadêmicos produzidos ao longo dessas três décadas, os retratos da atividade das louceiras produzem uma sensação de continuidade:

o número varia sempre em torno de 20, considerando o falecimento de algumas delas e o início da atividade por crianças e jovens. A descrição da comunidade e do modo de fazer permanece bastante semelhante. Em relação à circulação, expandiu-se o circuito de vendas para Macapá, com experiências pontuais em outros estados; foram realizados projetos que inseriram novos modelos de louças; o ofício foi divulgado pela imprensa, por publicações acadêmicas e por exposições; e o contato e a atuação de pesquisadores e instituições se intensificaram.



Santa Luzia do Maruanum



Carmo do Maruanum



Torrão do Maruanum



São João do Maruanum II



Detalhes da sala e cozinha de Marciana | Santa Luzia do Marauanum



Quintal de Maria Joaquina da Silva | São João do Marauanum II



Varanda de Castorina Silva da Silva | Torrão do Marauanum



Deuzarina Costa da Silva (Deuza) e Raimunda Costa Silva (Mundooca) | Santa Luzia do Maruanum

A realização da Sala do Artista Popular com as louceiras do Maruanum é um projeto institucional acalentado desde a pesquisa de Silvani (2012). Recebemos também a proposta da pesquisadora Célia Costa, atuante na comunidade desde o mesmo período. Após algumas tentativas sem sucesso – seja pela escassez de orçamento, seja pela sazonalidade da produção –, finalmente o projeto pôde ser realizado.

O contato para a realização da pesquisa foi feito via rede social, pelo perfil no Instagram da Associação das Louceiras do Maruanum (Aloma)⁸, respondido por Clesiana Conceição da Costa (Keka),

presidente. A viagem da pesquisadora e do fotógrafo foi acertada para o mês de outubro de 2025, numa semana em que parte das louceiras havia combinado a retirada do barro.

Keka é neta de Marciana Dias, a louceira mais antiga do grupo, fundadora e ex-presidente da Aloma, atualmente residente em Macapá. Ela combinou conosco que sua avó acompanharia nossa semana de estadia no Maruanum, demonstraria as etapas da fabricação da louça para registro etnográfico e fotográfico e nos levaria às outras louceiras. Dona Marciana é citada em todos os trabalhos acadêmicos que consultamos e, da mesma forma, atuou como guia de diversos pesquisadores.

A Aloma foi fundada em 1992 e atualmente congrega 18 associadas. O mandato da presidente dura três anos, e as louceiras se revezam nos cargos de vice-presidente, tesoureira, fiscal e secretária. As associadas pagam uma taxa mensal de R\$ 5,00, destinada à emissão de certidões. Há também a expectativa, ainda não concretizada, de que a Associação possa participar de projetos e editais, além de conseguir empréstimos para quem necessitar de matérias-primas de difícil acesso.

As louceiras não têm seu trabalho formalizado e não emitem notas fiscais individualmente; quando necessário, a Associação emite. Poucas louceiras que já se associaram optaram por se desligar. Marciana tenta formar as netas para a continuidade de seu papel de liderança. Keka foi estimulada pela avó, por estar em Macapá, mais

próxima das instituições com as quais precisa se relacionar, e vem se familiarizando com os documentos e instrumentos para formalização do trabalho. Keka e Giuliana, duas das netas, gerenciam as redes sociais da Aloma⁹.

Chegamos a Macapá em uma terça-feira. Alugamos um carro, fizemos compras de supermercado e garantimos galões de gasolina para os trajetos de carro e de barco. Buscamos Marciana, que nos acompanharia na viagem ao Maruanum. Ficamos hospedados na casa de sua filha Rosiane Dias (Rosa), louceira e professora em uma comunidade vizinha. Marciana já havia planejado nosso roteiro de pesquisa e marcado as entrevistas com as louceiras de cada vila.

Na quarta-feira, fomos à casa de Marciana, na vila de Santa Luzia, onde entrevistamos, além dela própria, suas vizinhas Mundoca, Deuza (residente do Torrão do Maruanum) e Ocléia (residente no Torrão do Matapi). Fomos convidados por José Carmo, filho de Marciana, a almoçar peixe do rio Maruanum, farinha de mandioca torrada em sua casa de farinha e arroz, preparados no fogão de barro. Voltamos para onde estávamos hospedados, sem a companhia de Marciana, e realizamos entrevistas com as louceiras vizinhas Telma e Mariquinha. Com Mariquinha, acompanhamos a modelagem das louças.

Na quinta-feira, logo cedo, marcamos em um ponto do rio o embarque na rabeta de José Carmo, com destino ao Santo Antônio, para a retirada do barro. Lá conhecemos Avanildo, um dos raros homens que detêm o conhecimento da feitura das louças. Mais tarde, fomos com Marciana à vila do Carmo para entrevistar Carmosina e pudemos observá-la modelando suas louças.

Na sexta-feira, fomos ao São João para conhecer Joaquina (irmã de Marciana), Conceição (que migrou do Pará para o Maruanum)¹⁰, mãe de Daiane e Daliana, que vieram a se casar com filhos de Joaquina, Samara (nascida em Macapá, outra nora de Joaquina) e as crianças Renan (filho de Daliana), Ian e Izabelly (filhos de Samara). Joaquina também nos demonstrou a modelagem das louças. Almoçamos com sua numerosa e animada família uma farta refeição com carne de caça, também preparada no fogão de barro. Voltamos a Santa Luzia e tomamos a rabeta de José Carmo para atravessar o rio e entrevistar Castorina, no Torrão do Maruanum.

No sábado, acompanhamos com Rosa a queima do caripé no quintal da casa onde estávamos hospedados. Em seguida, voltamos ao Torrão para visitar Deuza (mãe e vizinha de Castorina) e, mais tarde, atendemos ao gentil convite de Telma, nossa vizinha, para uma festa em sua casa. Organizada todos os anos por ocasião do Dia das Crianças, a festa é pagamento de promessa a Santa Luzia pela cura da enfermidade de um de seus filhos. Telma e seu marido convidam

as crianças da região para comer lanches e doces, participar de brincadeiras e ganhar brinquedos. Os adultos ficam até a madrugada conversando, ouvindo música, dançando e tomando cerveja enquanto comem churrasco.



Fogão de barro em uso na casa de Marciana | Santa Luzia do Maruanum

Na manhã de domingo, fizemos uma entrevista com Rosa, acompanhamos a reunião da Aloma na casa de Marciana e entrevistamos Keka e sua filha Milena, além de Giuliana. Keka é técnica em enfermagem, e Giuliana, estudante de enfermagem. No fim da tarde, Mariquinha nos convidou para acompanhar a queima das louças.

Por fim, na segunda-feira, foi nosso último dia de trabalho. Buscamos Marciana para o retorno a Macapá, na companhia da imagem de Santa Luzia, que estava sendo levada para o encontro dos tambores do Marabaixo. Visitamos as louças à venda na Casa do Artesão e almoçamos na foz do rio Amazonas. Na casa de Marciana, acompanhamos a queima das louças, as etapas de lixar, *burnir* e aplicar a jutaíca.

O aprendizado das louças

“Desde que me entendi” é a resposta de todas as louceiras nascidas no Maruanum sobre quando conheceram as louças, que aparecem como parte indissociável de sua existência. A maior parte nasceu na vila onde continua residindo; algumas mudaram-se por conta do casamento ou da viuvez. Todas as que encontramos se referem umas às outras como parentes – mãe, filha, tia, prima, sogra, nora. “Pela lei do caboclo, é tudo parente”, explicou Telma. Tivemos notícias de 27 louceiras e louceiros em atuação, incluindo as crianças¹¹. Entre as adultas, as idades variam de 22 a 85 anos, com maior concentração na faixa dos 50 e 60 anos.

O aprendizado da feitura das louças se deu em casa, com mães, avós, tias, vizinhas, sogras. Muitas delas dizem ter aprendido observando, pedindo ajuda e orientação apenas quando encontravam alguma dificuldade. O momento de aprendizado varia – infância, juventude,

primeiros anos da vida adulta, idade mais avançada. A mãe da louceira Carmosina, por exemplo, incentivou-a a aprender para que não precisasse comprar, expressando uma concepção de que as louças seguiriam sempre sendo usadas: “Depois que a minha mãe falou que era pra mim aprender, eu disse que eu não queria. Aí ela disse: ‘Ó, tu aprende, porque quando eu morrer, tu vai comprar dos outros’. Foi quando me animei a tentar”.

Nas casas de sua infância, usava-se principalmente o alguidar, uma bacia grande, sempre feito em par – um maior, para amassar açaí ou bacaba, e um menor, para coá-los; o botijão para armazenar água (para cozinhar ou lavar louça); o pote para beber água; o fogão para cozinhar à lenha; e, mais eventualmente, panelas. Peças de louça guardadas de suas mães são hoje relíquias afetivas: na geração delas, as louças eram usadas em casa, vendidas no próprio Maruanum ou para visitantes de comunidades vizinhas que não sabiam fazê-las.

A maioria das louceiras é agricultora e recebe o benefício do Bolsa Família ou aposentadoria. Eventualmente vendem produtos de suas roças em feiras ou supermercados, quando conseguem fazer o trajeto até Macapá. Já contaram com um carro da prefeitura ou do governo do estado para esse deslocamento, mas de forma descontínua. Nenhuma delas precisou o volume mensal de vendas nem o papel das louças na composição de sua renda familiar; elas aparecem sobretudo como complemento.

A geração das filhas das louceiras hoje em atuação divide-se entre aquelas que não se interessaram em aprender o ofício e um grupo menor que sabe fazê-lo, mas não o tem como ocupação principal, em razão de compromissos profissionais ou universitários.

Dos homens, Avanildo é neto de Alexandra, louceira respeitada por toda a comunidade, que faleceu aos 105 anos. O louceiro aprendeu a técnica com a avó e a mãe. Chegou a vender suas peças, mas enfrentou uma temporada em que todas quebraram durante a queima e, por ora, deixou de fazê-las. Mencionou também outro parente que sabe fazer as louças, mas que tem vergonha e, por isso, não as vende nem divulga sua atividade. Embora poucos homens dominem a técnica, não parece haver restrições à sua participação (Henriques, 2011; Ferreira, 2016).

Entre as crianças, há duas meninas e dois meninos orgulhosos de sua prática, o que aponta para uma possível renovação de gênero no futuro da louça do Maruanum. São eles: Regiany Mylena da Costa, 10 anos, filha de Keka, residente em Macapá; e residentes no São João: Renan Santos Brito, 11 anos, filho de Daliana, e os irmãos Izabelly, 13 anos, e Ian Samuel dos Santos Brito, 10 anos, filhos de Samara. Em comum, aprenderam com suas mães “porque achavam legal”. Começaram fazendo bichinhos de barro e depois passaram às louças utilitárias. As peças são vendidas por intermédio das mães, e os ganhos são usados para comprar material escolar, merenda ou guardados para desejos ou necessidades futuras.



Bichinho de barro.



Samara dos Santos Ramos entre os filhos Izabelly e Ian Samuel dos Santos Britto.



Renan dos Santos Britto com sua cabocla jarina | São João do Maruanum II



Marciana entre a bisneta Regiany Mylena da Costa Silva e a neta Clesiana Conceição da Costa (Keka) | Santa Luzia do Maruanum

As peças mais comuns feitas pelas louceiras são fogões, churrasqueiras, alguidares, panelas, travessas e tigelas de diversos tamanhos e formatos (especialmente tigelas de açaí), além de xícaras, pires e copos. Após a participação em projetos de capacitação oferecidos por instituições externas, algumas louceiras passaram a fazer também manteigueiras, açucareiros e leiteiras. Peças menos comuns incluem escorredor de arroz, cuscuzeira, porta-ovo, porta-vela e porta-incenso. Recentemente, as mais jovens e as crianças começaram a fazer bonecas dançarinas de marabaixo. As louceiras costumam dizer que cada uma tem sua marca e reconhecem as características singulares de suas peças – por vezes referidas como “filhas” –, assim como das de suas colegas.

Em todas as casas que visitamos, vimos o fogão e a churrasqueira de barro em uso. Dado o preço de um botijão de gás, a comunidade cozinha majoritariamente usando carvão. As panelas são usadas apenas eventualmente. Outras louças, planejadas para a venda, quando quebram durante a queima sem comprometer o uso, são aproveitadas nas casas das louceiras.



Castorina e suas louças | Torrão do Maruanum



Louças de Izabelly e Ian, com destaque para as dançarinas de marabaixo | São João do Maruanum II



Louças de Mundoca | Santa Luzia do Maruanum

A mãe do barro

A primeira etapa para a feitura da louça é a retirada do barro. Nas memórias de infância das louceiras, somente as mulheres realizavam essa tarefa. Hoje, porém, ela é feita com a ajuda dos homens. As louceiras dizem que, com a idade mais avançada, não conseguem mais tirar sozinhas; algumas já não vão ao barreiro e pagam filhos ou genros para trazer o barro. Pesquisas fazem referência a uma regra segundo a qual a presença masculina não era permitida nessa etapa, pois a entidade mãe do barro faria a veia do barro desaparecer (Silvani, 2012).

Giuliana Henriques (2011) observa as relações da comunidade e de outras populações caboclas e indígenas da Amazônia com a natureza e seus donos – seres que controlam os domínios da água, da caça e do barro –, e com os quais há regras de convívio. Há uma série de cuidados e restrições a serem obedecidos para fazer as louças, especialmente na retirada do barro e na queima. As regras mencionadas por todas e pela bibliografia indicam a necessidade de esperar três dias após a mudança de fase da lua para retirada do barro, além do impedimento de mulheres grávidas, menstruadas ou que tenham tido relações sexuais na noite anterior. Também é preciso guardar o luto por parentes mortos. Nessas situações, considera-se que as mulheres estão “venenosas”.

Tinha falecido uma parente nossa (...). Veio uma bola de barro pra mim e estava fedendo, não prestou. Fedia, fedia... Pegava assim, ficava o cheiro na mão. Joguei até fora. Nesse mesmo dia, tinha uma outra pessoa lá, tirando outro buraco. A terra estava caindo em cima deles. Nunca tinha acontecido, e aconteceu nesse dia. Eles tiveram que sair rápido.

– Rosa

As louceiras mais jovens dizem continuar obedecendo às regras, seguindo as orientações das mais velhas. Ferreira (2016) demonstra que, no Maruanum, os mesmos cuidados já foram (e ainda são, para algumas pessoas) extensivos à colheita nas roças e à dança no marabaixo.

As louceiras retiram o barro uma ou duas vezes por ano, em grupos pequenos, acompanhadas de seus ajudantes. A época recomendada é o verão, especialmente os meses de novembro e dezembro. O barro do local conhecido como Furinho, na vila de Santo Antônio, é considerado de excelente qualidade; fica no terreno da família de Dona Alexandra. Há também outros locais de retirada, como no Torrão e no São João. Cada louceira costuma ter preferências, seja pela qualidade do barro de determinados pontos, seja pela facilidade de acesso.

Acompanhamos uma tentativa de retirada do barro no Santo Antônio. Tomamos duas rabetas em um grupo composto pelas louceiras Marciana, Mundoca e Ocléia; José Carmo e Aguinaldo (marido de Ocléia); Gideão (jovem artesão de Macapá, que vem acompanhando Marciana para aprender suas técnicas), nós dois (pesquisadora e fotógrafo do CNFCP); a pesquisadora Célia Costa, duas pesquisadoras do Pará, o marido de uma delas e um cinegrafista levado por elas.

Não se pode usar instrumentos de metal no barreiro, pois deixariam a terra impura, o que faria com que as peças quebrassem na queima. Os homens retiram da mata um tronco de árvore, que é cortado e chamado de “ferro de pau”. As mulheres analisam o terreno e indicam o lugar onde deve ser cavado. Com o tronco, os homens abrem um buraco, e homens e mulheres vão retirando a terra com as mãos: primeiro a camada escura e, em seguida, o barro, aumentando o buraco em profundidade e largura. As mulheres analisam a textura e a consistência do que vai sendo retirado até determinar que se chegou ao barro indicado para as louças. O buraco pode chegar a 2m de profundidade, e o trabalho dura uma manhã inteira, sob o sol.

Nesse dia foram cavados dois buracos, mas não se encontrou o barro. Durante o período em que permanecemos no Maruanum, todas as conversas entre as louceiras, incluindo as que não estiveram no barreiro, levantaram diferentes hipóteses para o fracasso: talvez não fosse a época correta (a tentativa foi feita em outubro, enquanto os meses mais recomendados seriam novembro ou dezembro); o local

para cavar foi mal escolhido; o grupo teria muitas pessoas de fora; a presença da câmera pode ter interferido; ou alguém pode não ter obedecido às regras.



João Carmo Dias da Costa na mata para o corte de árvore que formará o ferro de pau | Santo Antonio do Maruanum



Grupo cavando o buraco para retirada do barro | Santo Antonio do Maruanum

Quando a retirada do barro é bem-sucedida, uma parte do grupo fica dentro do buraco, retirando o barro com as mãos e colocando-o sobre um plástico estendido no chão, na superfície. Outro grupo, sentado do lado de fora, forma bolas de barro com as mãos e as coloca em sacos grandes e resistentes, como os de ração animal. Para essa etapa, é preciso reunir grande quantidade de sacos; eles substituíram as folhas de sororoca (*Phenakospermum guyannense*), usadas pela geração anterior, pois permitem armazenar o barro sem que resseque no decorrer de todo o ano.

Chega então o momento ritual mais importante da feitura das louças. Os homens abrem uma pequena fenda no buraco, e as mulheres modelam pequenas peças que são depositadas ali em oferecimento à mãe do barro, ou vovó do barro. Agradecem, pedem proteção e cantam ladrões (versos) de marabaixo:

Cada um que estiver lá tem que fazer uma pecinha. Antes de tampar o buraco, a gente diz: “Tá aqui, minha avó, a sua panela”, ou “seu caneco pra senhora tomar café”, ou “uma tigela pra senhora tomar um açaí”. A gente vai dizendo e colocando lá dentro: “Pra senhora fazer o milagre da nossa louça queimar tudo em paz”. É esse agradecimento que nós fazemos pra vovozinha do barro.

— Deuza

Ferreira (2016) observa que orações e oferendas à mãe ou vó do barro também são feitas entre as louceiras dos quilombos de Oriximiná. O autor recupera Lévi-Strauss e os mitos que tratam do parentesco, do

respeito e das precauções com a protetora da argila (e seus vários nomes, como mãe-terra, avó da argila, senhora da argila) entre diversos povos da América.

Após as oferendas e orações, a terra retirada é devolvida ao buraco. Dois troncos de árvore (os ferros de pau) são atravessados sobre a abertura, para evitar que o gado caia dentro. Os sacos de barro são então carregados até a canoa e, da canoa, para casa. O barro fica armazenado nesses sacos por até um ano. Para o uso, retira-se a quantidade necessária e mistura-se com água, para que possa ser manuseado e limpo, retirando gravetos, pedras, folhas etc.

A segunda matéria-prima indispensável para a feitura das louças são as cinzas obtidas da queima da casca da árvore chamada de caripé ou caraipé (*Licania scabra*). Essa espécie da flora amazônica é utilizada há séculos por populações indígenas na fabricação da cerâmica (Silvani, 2012).

Depois da retirada do barro, as demais etapas da feitura das louças são realizadas quase sempre individualmente. As lascas do caripé são queimadas; suas cinzas, peneiradas e piladas. O pó resultante é então misturado e amassado ao barro para dar liga. A quantidade de caripé é medida com as mãos ou testada com os dentes, até chegar à textura necessária: o barro deve ficar moldável, mas não rígido a ponto de provocar a quebra da louça.

É preciso ainda cuidado com fios de cabelo, pelos de animal ou qualquer outro resíduo que possa se misturar ao barro amassado. Recomenda-se deixar o barro, já misturado ao caripé, descansar por até três dias, para que esteja mais macio para a modelagem. Há dois tipos de barro: o branco e o amarelo. O primeiro exige maior quantidade de caripé, enquanto o segundo requer menos. As diferentes cores provocam efeitos estéticos distintos nas louças.

A obtenção do caripé é o principal desafio para a continuidade do trabalho. Antes disponível nas matas próximas às casas e colhido pelas próprias louceiras, hoje só é encontrado em locais mais distantes e precisa ser comprado de terceiros, por R\$ 60,00 a R\$ 70,00 o saco. As louceiras atribuem a extinção ao seu próprio trabalho. Já se tentou usar cascas de outras árvores, sem sucesso, e nenhuma das tentativas de plantio de mudas de caripé teve efeito até o momento.

As louceiras relataram uma média de duas compras anuais, com três a seis sacos em cada uma. É comum que passem meses procurando quem possa vender o caripé. Para se ter uma ideia, as louceiras calculam que, com um saco de caripé, é possível fazer duas ou três peças das maiores, quatro das médias e cerca de dez a vinte das menores.

Quando o caripé é encontrado, os sacos são armazenados e a casca é queimada conforme a necessidade. A queima ocorre nos quintais das casas, preferencialmente nas primeiras horas da manhã, para não incomodar os vizinhos, dentro de uma bacia de alumínio ou de um alguidar de barro.



Rosiane Dias da Costa (Rosa) queimando e peneirando o caripé | Santa Luzia do Maruanum

Tecer as louças

A feitura das louças costuma ocorrer nas áreas externas das casas; as peças em secagem ou já prontas ficam em prateleiras nesse mesmo ambiente. Em nenhuma das casas encontramos grande quantidade estocada.

A categoria “tecer” a louça é destacada por Henriques (2011), Ferreira (2016) e Costa (2020). Sobre uma tábua coberta com plástico grosso, coloca-se uma bola de barro, que é amassada com as mãos para formar a base da peça. Outra bola é separada em pedaços menores, modelados em “pavios” ou “cordinhas”. Formam-se círculos com essas “cobrinhas” – técnica secular de modelagem de diversos grupos indígenas, amplamente difundida por polos ceramistas do país – unindo suas pontas na largura desejada para a peça. Em seguida, empilham-se várias delas para “levantar a peça”. As maiores (como o fogão, o alguidar, o botijão e o pote) são consideradas as mais difíceis de fazer, de levantar e sustentar, além de demandarem mais tempo de trabalho. Depois de armada a peça, alças, bicos e tampas são modelados.

Quando a peça toma forma, suas superfícies são alisadas com a chamada cuiépé, com uma espátula de plástico ou com uma folha de árvore, como a de laranjeira. Tudo é feito próximo a uma tigelinha de água, na qual se umedece as mãos a todo momento. A cuiépé é um pedaço de cuia feito a partir de um tipo de cabaça (*Lagenaria vulgaris*), encontrada nos quintais do Maruanum.



Carmosina fazendo uma tigela | Carmo do Maruanum



Mariquinha fazendo uma tampa de panela | Santa Luzia do Maruanum



Joaquina fazendo uma churrasqueira | São João do Maruanum II

A peça precisa então secar – processo que pode levar um dia, em meses de sol, ou até quinze dias ou mais em meses de chuva. Depois de secas, as peças “murcham” e endurecem. As etapas seguintes são raspar com faca e colher, lixar e *burnir* (alisar) com pedra de seixo, usando pouca água. Nessa etapa, algumas louceiras passaram a fazer desenhos de flores e outros padrões, com a ajuda de um prego ou de outro objeto pontiagudo.

Nesse ponto, a peça está pronta para a queima. Ela é feita nos quintais das casas, seja no Maruanum ou em Macapá, em uma fogueira no chão, preferencialmente no verão, quando não há chuvas. Esta é

a segunda etapa que exige diversos cuidados rituais: devem-se respeitar as mesmas restrições referidas para retirada do barro, mas a maior preocupação relatada nessa etapa é que seja feita em locais reservados, longe dos olhares dos passantes, ou mesmo de grande quantidade de pessoas da casa, de falas ou gritos¹². Busca-se também evitar correntes de vento; por isso, dizem preferir fazer a queima nas primeiras horas da manhã ou no fim da tarde. Há grande cuidado com o mau-olhado e com o que se fala próximo ao local da queima. O risco mais temido na feitura das louças é que espoquem durante a queima. Algumas louceiras fazem uma cruz com carvão no fundo da peça e orações. Em geral, cada uma queima suas peças sozinha, mas vizinhas, ou mãe e filha, eventualmente queimam juntas, no mesmo fogo.



Marciana raspando peça com faca, lixando e *burnindo* com pedra de seixo | Macapá

Deuza: — Os olhos maus... Os olhos que fazem mal mesmo.
Os olhos gordos.

Ana Carolina: — Quem é que bota o olho gordo?

Deuza: — Tem muita gente que não pode ver a gente queimando louça.
Ainda mais se admirar.

Ana Carolina: — Mas pode ser outra louceira que bota o olho gordo?

Deuza: — Não, não. Qualquer louceira pode ver a outra queimando...
Mas é ruim assim: uma pessoa vir chegando, que a senhora não conheça,
aí ele vê que a senhora tá queimando, e já vai logo se admirar. Pois é isso
que eu digo: tem gente que tem os olhos bons, e tem gente que tem os
olhos maus (...). Eu falo é de gente daqui mesmo, que não se bota a fazer,
aí vê o outro fazer, eles acham bonito; acho que é inveja, né? Aí começa
a se admirar. É por isso que a gente só queima escondido.

Posicionam-se algumas pedras grandes ou tijolos para apoiar as peças;
acende-se a lenha e deixa-se queimar até apagar. Dependendo das
peças, podem-se fazer até três ciclos de queima. Em geral, queimam-
se de três a cinco peças por vez. Algumas louceiras preferem queimar
dentro das lascas do caripé, o que lhes confere uma cor mais clara,
sem manchas de cinza. Aguarda-se um pouco e a peça é retirada com
a ajuda de dois paus de madeira. Para armar a fogueira e retirar as
peças, eventualmente pedem a ajuda dos homens.



Mariquinha queimando fogões em seu quintal no Maruanum | Santa Luzia do Maruanum



Marciana queimando travessas nos fundos de sua casa | Macapá

A última etapa é a aplicação da jutaica, resina vegetal extraída do jutaieceiro ou jatobá (*Hymenea courbaril*), outra árvore da flora amazônica (Silvani, 2012). É colhida do chão, após escorrer do tronco da árvore por fendas abertas por insetos ou cair de árvores arrebatadas (Ferreira, 2016). Também não é encontrada no Maruanum, sendo comprada em outras localidades. As conversas sobre ter ou não conseguido comprar caripé e jutaica são correntes. O quilo da jutaica custa R\$ 20,00 e rende o preparo de cerca de dez peças. A bola de resina é limpa com uma faca para remover impurezas, presa na ponta de um galho e passada no interior da louça ainda quente (mas não tanto, sob o risco de pegar fogo). A jutaica confere a coloração e o brilho característico desse tipo de louça, além de impermeabilizar a peça.



Marciana aplicando a jutaica

A circulação das louças

As panelas são vendidas entre R\$ 80,00 e R\$ 150,00, dependendo do tamanho; um fogão, por cerca de R\$ 100,00; copinhos, xícaras, travessas e tigelas de diversos tamanhos, entre R\$ 10,00 e R\$ 80,00. Atualmente, as louças são vendidas na própria comunidade, em comunidades vizinhas e na Casa do Artesão, na capital. Eventualmente são comercializadas em feiras de alimentos ou de artesanato em Macapá. Algumas louceiras assinam as louças, gravando no fundo seus nomes e telefones.

A Casa do Artesão Amapaense¹³ é um equipamento da Secretaria de Trabalho e Empreendedorismo do Governo do Estado. Localiza-se na área turística da capital, na Orla Beira-Rio, às margens do Amazonas. Lá são expostas e vendidas as louças do Maruanum e de outros artesanatos locais, como bonecas de pano dançarinas de marabaixo, pinturas de paisagens, objetos de fibra e marchetaria, biojoias, gengibirra, chocolates e souvenirs diversos. Nas prateleiras não há informações que identifiquem os artesãos ou as comunidades produtoras. No momento de nossa visita, uma das paredes exibia a exposição *Mestres artesãos do Amapá*, com uma galeria de fotos dos artesãos e minibiografias. As peças são vendidas em consignação, acrescidas de uma taxa administrativa, com prestação de contas e repasses mensais aos artesãos. A Casa realiza exposições, visitas de grupos, feiras temáticas e oficinas. Em outros momentos, havia um carro da Casa que buscava as louças no Maruanum, facilitando o acesso.

Outro espaço importante de difusão e vendas, atualmente desativado, é a Casa da Louceira, na Vila do Carmo. O espaço foi criado pela prefeitura em 2020: as peças eram vendidas em consignação e as louceiras podiam acompanhar mais de perto o movimento. Foi fechada repentinamente por conta de obras locais e da reorganização dos prédios de uso público. A reabertura da Casa da Louceira e a reativação do carro para transporte das peças até a Casa do Artesão e para participação em feiras de artesanato seriam importantes ações de apoio à circulação das louças.

Em relação à circulação para outros estados, Marciana Dias participou de feiras de artesanato em Brasília e no Rio Grande do Sul, levando suas próprias louças e as de outras louceiras. Uma delas exalta a coragem da matriarca para viajar.

A bibliografia sobre a louça do Maruanum registra diferentes momentos de aproximação com instituições, projetos realizados e tentativas do estabelecimento de instrumentos de proteção. Em nossa pesquisa, alguns deles foram brevemente mencionados pelas louceiras, como memória difusa, marcada pela dificuldade de identificação das instituições promotoras e observada sua intermitência.

Em 2008, as louceiras do Maruanum integraram o projeto do Sebrae “Amapá Feito à Mão”. Silvani (2012) analisa o projeto de produção de uma identidade regional baseada em elementos culturais, considerando que o Amapá foi tornado Estado da Federação

somente em 1988. Uma das ações do projeto foi a realização de oficinas conduzidas por um designer para produção de louças em miniatura. Houve também a tentativa de encomendas em grande quantidade, atendendo a padrões definidos de tamanho e acabamento. As louceiras, porém, não conseguiram acompanhar o ritmo das encomendas e avaliaram negativamente a equação dos preços que poderiam cobrar pelas peças pequenas e o tempo de produção, superior ao das peças grandes devido à maior dificuldade de manuseio.

Além das miniaturas, os designers propuseram novos produtos, como chaveiros, xícaras, bules, cinzeiros e manteigueiras, assim como a inclusão de bicos, alças e tampas nas peças já existentes. Parte dessas propostas foi adotada pelas louceiras e continuou a ser produzida. Também foram incorporadas técnicas de desenho (adotadas por várias das louceiras) e pintura das louças (adotada por poucas). Silvani (2012) descreve outros apoios realizados em projetos do Sebrae, como o transporte para a coleta de caripé, o plantio de mudas de caripezeiro e jatobá e a venda das louças em feiras de artesanato pelo país.



Peças modeladas e pintadas por Maria da Conceição dos Santos Marques | São João do Maruanum II

Em relação aos instrumentos de proteção, a louça do Maruanum integrou o Mapeamento Documental de Referências Culturais do Amapá produzido pelo Iphan em 2009-2010¹⁴. Célia Costa (2014; 2020) chama atenção para a necessidade de desenvolvimento de projetos de transmissão do criar-saber-fazer ceramista, dado o restrito grupo de louceiras em atividade, a idade avançada da maioria e o desinteresse da maior parte das jovens da comunidade em sua continuidade. A autora defende que este bem cultural deveria ser registrado como patrimônio cultural do Brasil pelo Iphan. Em sua dissertação de mestrado no campo de Propriedade e Tecnologia para Inovação, Silva (2022) produziu um estudo para subsidiar o pedido de Indicação Geográfica para a Associação das Louceiras do Maruanum. O trabalho é fartamente documentado, com descrição detalhada e fotografias das etapas da produção, além de levantamento de trabalhos acadêmicos e matérias de jornal. A implementação desses instrumentos de proteção necessita de articulação entre as louceiras e as instituições que os gerem.

As louças do Maruanum são tecidas pelos conhecimentos tradicionais de que as louceiras são detentoras. Viver nas águas do rio, cavar a terra com as mãos, trabalhar o barro, cuidar do fogo e do vento, respeitar os donos da natureza formam o sistema de relações que confere a marca desta expressão cultural do Amapá.



Assinatura de louceira do Maruanum e iniciais de Raimunda Costa (Mundoca) gravadas no fundo de peça



Notas

¹Sobre a Certificação Quilombola, acesse: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/certificacao-quilombola>; <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1WBjixnnjJWrDXsA2WvElj65rrZ4nKNM-u5LclRVOIGs/edit?gid=680278480#gid=680278480>.

²Não tivemos acesso a dados atualizados sobre a população total do Maruanum. Para se ter uma ideia da população das vilas, o Censo Quilombola do IBGE registrou, em 2022, 113 habitantes no Carmo, 73 em Santa Luzia e 53 em São João. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/brasil-quilombola/>.

³O marabaixo foi registrado pelo Iphan como bem cultural do Brasil em 2018. Cf. <https://bcr.iphan.gov.br/bens-culturais/marabaixo>.

⁴Perfis de grupos de marabaixo no Instagram: @marabaixosantaluziadomaruanum; @sao_joao_do_maruanum; @gqmnovageracao; @u_m_c_s_m.

⁵Silva (2022) traz um levantamento das matérias de jornal publicadas.

⁶Como *As louceiras do Maruanum* (2015), no Instituto de Pesquisas do Amapá, e *Maruanum: a riqueza que vem do barro* (2016), no Museu de Arqueologia e Etnologia do Amapá (Ferreira, 2016; Silva, 2022).

⁷ Cf. Coiroló (1991); Henriques (2011); Silvani (2012); Costa (2014; 2020); Ferreira (2016); Silva (2022); Silva et al. (2020; 2025). Destaco ainda o filme *As mãos da mãe do barro* (2005), de Gavin Andrews.

⁸@louceirasdomaruanum

⁹ A rede social da associação foi desenvolvida como parte de projeto de empreendedorismo e inovação com as louceiras, realizado pelo Instituto Federal do Amapá, com coordenação de Célia Costa, e apoio do Centro de Pesquisa em Cerâmica do Maruanum, Mulherismos, Decolonialidade e Relações Étnico-Raciais (Cemadere). Essa mesma articulação realizou também projetos de tentativa de reflorestamento do caripé, matéria-prima necessária à feitura das louças (2023), de promoção do Grupo de Marabaixo de Santa Luzia do Maruanum (2023), e projeto de educação patrimonial com oficinas para a comunidade abordando todas as etapas da feitura das louças (2026).

Antes da viagem, fizemos contatos prévios com a pesquisadora Célia Costa, que foi grande parceira na realização desta edição da SAP: sua colaboração – e, por meio dela, o do Instituto Federal do Amapá – foi inestimável para a realização de nosso trabalho. Voltadas para esse território há quase 15 anos, suas pesquisas foram referências fundamentais. Ela nos indicou todas as louceiras em atividade, seus contatos, bem como o estado atual da produção e da circulação das louças, além de nos orientar cuidadosamente sobre a logística de chegada e permanência no Maruanum. Nós a conhecemos pessoalmente durante a retirada do barro. Célia se colocou integralmente disponível para responder às nossas dúvidas, desde a preparação da pesquisa de campo até a escrita do texto, a produção da exposição e a viagem das louceiras para a abertura. Também realizou a embalagem e o transporte das peças do Maruanum até a transportadora em Macapá que as traria ao Rio de Janeiro, sem o que esta exposição não poderia acontecer.

¹⁰ Conceição conta ter reencontrado no Maruanum as mesmas louças que eram feitas por sua avó no Pará, usando as mesmas matérias-primas e técnicas.

¹¹ Em nossa semana de pesquisa, encontramos 21 pessoas que fazem louça, incluindo mulheres, homens e crianças. Tivemos notícias de outras, que não pudemos encontrar, seja por estarem em Macapá, seja pelas suas ocupações profissionais: Valdete, filha de Joaquina, residente no São João, que é também agricultora, merendeira da escola e técnica de enfermagem; Vaniza, atualmente residente em Macapá; Maria José, residente no Carmo e temporariamente em Macapá para tratamento de saúde; Edigleuma e Edilene, mãe e filha, professoras, residentes no Carmo e em Macapá, respectivamente; além de um louceiro que realiza a atividade mais discretamente.

¹² Ferreira (2016) cita o trabalho de Lima sobre a cerâmica indígena brasileira, que trata das interdições relacionadas à queima da cerâmica entre os Tukuna, os Wará, os Marubo, os Kaingang e os Kayabí.

¹³ <https://www.instagram.com/casadoartesaoamapa/>; <https://sete.portal.ap.gov.br/> (ver notícias listadas digitando-se na ferramenta de busca "Casa do Artesão").

¹⁴ Cf. <https://inrc.iphan.gov.br/2-1-projetos/mapeamento-documental-de-referencias-culturais-do-amapa/>.

Referências

ANDREWS, Gavin. *As mãos da mãe do barro*. Macapá: Castanha Vídeo Produções, 2005. 1 vídeo, son., color. Disponível em: <https://youtu.be/m3vvHpZhadE?si=DJlCTrRz67DB1mel>. Acesso em: 2 abr. 2026.

COIROLO, Alicia Durán. Atividades e tradições dos grupos ceramistas do Maruanum (AP). Notas preliminares. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 7, n. 1, p. 71-94, jun. 1991. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/426>. Acesso em: 2 abr. 2026.

COSTA, Célia Souza da. *Patrimônio cultural do Amapá: o caso das louceiras do Maruanum em observância ao princípio da equidade intergeracional*. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ifap.edu.br/items/0424f6c1-fb2d-48ba-ae73-5747a2d3db21>. Acesso em: 2 abr. 2026.

COSTA, Célia Souza da. *Louceiras do Maruanum (Amapá): estratégia educativa para a conservação da tradição do criar-saber-fazer ceramista*. 2020. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifap.edu.br/items/5f36d882-5e58-43e3-8b17-aef61ff86da3>. Acesso em: 2 abr. 2026.

FERREIRA, Fabrício Costa. *“Desde que me entendi”*: tecendo saberes e fazeres relativos à louça da comunidade quilombola do Maruanum, Amapá/AP. 2016. 199 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, 2016. Disponível em: <https://ppga.proesp.ufpa.br/ARQUIVOS/disc2016/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Fabr%C3%ADcio%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2026.

HENRIQUES, Giuliana Cristina César. *“Tudo é remédio”*: estudo de práticas curativas em Maruanum - AP. 2011. 213 f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Tropical) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2011. Disponível em: <https://ppgbio.unifap.br/wp-content/uploads/2017/09/disserta%C3%A7%C3%A3o-final-giuliana1.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2026.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Iphan). Dossiê de registro do marabaixo. Brasília: Iphan, 2018. Disponível em: <https://bcr.iphane.gov.br/documentos-do-processo-dossie-de-registro-marabaixo/>. Acesso em: 2 abr. 2026.

SILVA, Neilson Oliveira. *Proteção por indicação geográfica das louças do Maruanum, Macapá/AP*. 2022. 508 f. Dissertação (Mestrado em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ifap.edu.br/handle/prefix/626>. Acesso em: 2 abr. 2026.

SILVANI, Juliana Morilhas. *O valor da cultura: um estudo de caso sobre a inserção da louça do Maruanum/AP no mercado e sua relação com a preservação do patrimônio cultural*. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://bibliotecadigital.iphane.gov.br/items/a632ab45-d446-4d63-ba46-ef534ef00219>. Acesso em: 2 abr. 2026.

SILVA, Romaro Antonio; DAMASCENO, Fabíola Lorenda de Oliveira; GUIMARÃES, Ariane Gurjão; RODRIGUES, Luciana dos Santos. O uso das painéis de cerâmica produzidas na comunidade quilombola do Maruanum no Amapá no ensino da matemática como potencialização na valorização local. In: SOUSA, Olenêva Sanches (org.). *e-Almanaque EtnoMatemáticas Brasís*. Piauí: IFPI, 2020. v. 1, p. 290-294.

SILVA, Romaro Antonio; MATTOS, José Roberto Linhares de; XAVIER, Felipe. Saberes ancestrais na comunidade quilombola Santa Luzia do Maruanum. *Science and Knowledge in Focus*, v. 7, 2025.



Anoitecer no Torrão do Maruanum

Contatos para comercialização

Associação das Louceiras do Maruanum (Aloma)
Presidente: Clesiana Conceição da Costa
(96) 99107-9860
instagram: @louceirasdomaruanum

Casa do Artesão Amapaense
Rua Francisco Azarias da Silva Coelho Neto, s/n – Central, Macapá, AP
instagram: @casadoartesaomapa

Sala do Artista Popular | CNFCP
Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000
mercado.folclore@iphan.gov.br
www.cnfcp.gov.br

Louceiras

| Macapá

Marciana Nonata Dias
(96) 99128-3590

Clesiana Conceição da Costa e Regiany Mylena da Costa Silva
(96) 99107-9860

Giuliana Dias da Silva
(96) 99195-5076

Vaniza Coutinho dos Santos
(96) 99135-8158

| Torrão do Matapi

Ocléia Agenor da Costa
(96) 99185-9817

| Santa Luzia do Maruanum

Raimunda Costa Silva (Mundoca)
(96) 99145-9539

Rosiane Dias da Costa (Rosa)
(96) 99116-0308

Maria Silva Barbosa (Mariquinha)
(96) 99103-7003

Telma da Costa Chagas
(96) 99137-0054

| Torrão do Maruanum

Deuzarina Costa Silva (Deuza)
(96) 99150-9375

Castorina Silva da Silva
(96) 98419-6529

| Carmo do Maruanum

Carmosina Pereira da Costa
(96) 99142-3748

Edilene Chagas
(96) 98139-8951

Edigleuma Picanço
(96) 99121-7943

| São João do Maruanum II

Maria Joaquina da Silva
(96) 99152-3884

Valdete da Silva Britto
(96) 99163-2642

Maria da Conceição dos Santos Marques
(96) 99120-8386

Daiane Marques da Silva
(96) 99169-3360

Daliani dos Santos Marques e Renan dos Santos Britto
(96) 99188-3756

Samara dos Santos Ramos, Izabelly e Ian Samuel dos Santos Britto
(96) 99148-9654



RIO DE JANEIRO, 30 DE ABRIL A 1 DE JULHO DE 2026

MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR